

## Ética a nicômaco: as duas felicidades em Aristóteles

Júlia Mara Rodrigues Pimentel<sup>1</sup>

### Resumo

Aristóteles, no Livro X de *Ética a Nicômaco*, inicialmente, trata do prazer e traz duas visões opostas sobre o prazer, uma discussão do ponto de vista de que o prazer seja o “bem” e uma discussão do ponto de vista de que o prazer seja inteiramente mal, para então trazer uma definição do que é prazer. A seguir, pondera que os prazeres diferem de acordo com as atividades que acompanham e completam, trazendo um critério para o valor dos prazeres. Posteriormente, aborda a questão da “felicidade”, considerando que a felicidade é uma boa atividade, e não divertimento e, após, discorre acerca da felicidade, num sentido mais elevado, como a vida contemplativa. A seguir traz considerações adicionais sobre a superioridade da vida contemplativa e, por fim, afirma que a legislação é necessária se um fim deve ser atingido. Termina a obra realizando a transição para a Política.

**Palavras-chave:** Felicidade, prazer, vida contemplativa.

### Nicomachean Ethics: both happiness in Aristóteles

### Abstract

Aristotle, in Book X, of the Nicomachean Ethics deals with pleasure and brings two opposing views about the pleasure a view of the discussion that pleasure is "good" and a view of the discussion that pleasure is entirely wrong, and then brings a definition of what is pleasure. Next, considering that pleasures differ according to the activities that accompany and supplement, bringing a criterion for the value of pleasures. Later, it addresses the issue of "happiness", considering that happiness is a good activity, not fun, and after, talks about happiness in a higher sense, as the contemplative life. The following, provides additional considerations about the superiority of the contemplative life and, finally, states that the legislation is necessary if an end is to be achieved. Ends the work making the transition to the Politics.

**Keywords:** Happiness; pleasure; contemplative life.

---

<sup>1</sup> Advogada e Professora da Rede Doctum de Ensino e Coordenadora do Núcleo de Práticas Jurídicas da Faculdade Doctum de Manhuaçu. Mestra em Hermenêutica e Direitos Fundamentais pela Universidade Presidente Antônio Carlos; Especialista em Ciências Penais pelas Faculdades Integradas de Caratinga; em Direito Público e em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade Anhaguera-Uniderp. Licencianda em Filosofia.

## Introdução

Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, mais especificamente no Livro X, pensou profundamente sobre a felicidade humana. Para tanto, formula a ética da virtude baseada na busca pela felicidade, contudo felicidade humana, feita de bens materiais, riquezas que ajudam o indivíduo a se desenvolver e não se tornar mesquinho, assim como bens espirituais, como a ação política e a contemplação - a filosofia e a metafísica.

O Livro X de *Ética a Nicômaco* é o objeto do presente estudo. Por ser topograficamente o último dos livros, é conclusivo do problema ético e dá início de modo incisivo a questão do prazer de forma a aproveitar aquilo antes já dito a respeito, todavia agora mais profundamente. Este livro é, portanto, sequência natural do tratado e continuidade do Livro IX, até porque é neste que se encontra a referência à introdução da temática do prazer como consequência do discurso ético.

Aristóteles pontilha várias passagens trazendo referências ao prazer e a dor como motivação do comportamento humano; pois, como acusação direta ou indireta da virtude do ser humano. Este tema constitui-se, portanto, determinante para dilucidação da natureza das noções voluntária e involuntária, isto porque é tendência natural humana aproximar-se do prazeroso e escapar ao doloroso.

E, no fim do tratado, depois de ter abordado as questões relativas à virtude, à amizade, ao prazer, o estagirita realiza a transição para a política e propõe-se a analisar a questão da paidéia pública, como se verá no estudo a seguir.

### A completude do prazer

Depois de tratados assuntos como a amizade, as virtudes<sup>2</sup>, os vícios, o egoísmo e a benevolência, Aristóteles<sup>3</sup> segue a análise do prazer. Para o estagirita,

---

<sup>2</sup> Uma permanente disposição para querer o bem, “tal idéia fundamental sobre a qual insiste Aristóteles. A virtude é um hábito, uma disciplina. Ela supõe longa familiaridade com a prática dos deveres, a tal ponto que o ato moral se tornou nosso próprio ser, e parece, espontaneamente, corresponder às nossas disposições interiores. Assim, como, diz Aristóteles, ‘uma andorinha só não faz verão’, um hábito isolado – mesmo de grande valor – não basta para fazer um homem virtuoso.” (HUISMAN; VERGEZ, 1983, pp. 236-237)

<sup>3</sup> Aristóteles (384/383-322 a.C.) nasceu em Estagira (Macedônia). Seu pai, chamado Nicômaco, era médico do rei Filipe da Macedônia. É considerado juntamente com Sócrates e Platão um dos mais influentes filósofos gregos do mundo ocidental. Foi aluno de Platão e educou Alexandre, o Grande. Criou o pensamento lógico e a biologia como ciência (CHAUÍ, 2002, p. 182). “Em suas obras sobre a natureza, Aristóteles tentou descobrir uma hierarquia de classes e espécies [...]. Ele estava convencido de que a natureza tinha uma finalidade e que cada traço específico de um animal existia para cumprir uma determinada função”. (STRATHERN, 1997, p. 24). Desse modo, Aristóteles

este está intimamente ligado à natureza humana e por isso costuma-se educar os jovens com os lemes do prazer e do sofrimento<sup>4</sup>. Aristóteles insere extensa análise em torno do prazer, que vem acompanhado da análise do problema antônimo, relativo à dor. Tal temática já havia sido ventilada nas passagens anteriores, isto é, nos livros antecedentes, como motivação das ações, para a movimentação do desejo, para a deliberação prática, para a ação e para a eleição do bom e do útil, do justo e do injusto, enfim, do virtuoso e do vicioso<sup>5</sup>.

O filósofo indica que as pessoas tendem a escolher aquilo que traz prazer à vida e a evitar as coisas que trazem sofrimento<sup>6</sup>. Todavia muitas pessoas tendem a condenar o prazer, entendendo-o como algo inteiramente mal, isso porque vários homens se tornam escravos dele.<sup>7</sup> Entretanto Aristóteles não concorda com essa posição<sup>8</sup> e passa a investigar os argumentos daqueles que discutem acerca da natureza do prazer.<sup>9</sup>

O prazer é definido por muitos como sendo movimento ou geração<sup>10</sup>, todavia não parecem indicar estes termos a essência ou a constituição intrínseca do mesmo, que, aliás, é bem diversa destes. O movimento não se aperfeiçoa a não ser quando completa a duração destes. O movimento somente se aperfeiçoa quando completa a duração desde o ponto de partida até o fim realizado do mesmo; se se parte de um

---

foi o primeiro filósofo a dar valor à observação e a experiência em seus estudos e por isso pode ser chamado o pai do método científico. Aos 17 anos foi para Atenas, o maior centro filosófico e artístico de toda antiguidade, matriculou-se na escola de Platão e lá permaneceu por vinte anos, até 347 a.C. Após a morte de seu mestre fundou sua própria escola, o Liceu. Ao contrário da Academia, que dava valor ao pensamento teórico, o Liceu privilegiava as ciências naturais. Dirigiu o liceu até 324 a.C. Com a morte de Alexandre surgiram sentimentos xenófobos antimacedônios em Atenas, sentindo-se ameaçado Aristóteles fugiu dizendo não permitir que a cidade cometesse um segundo crime contra a filosofia, igual cometera com Sócrates. Não obstante sua escola ter privilegiados as ciências naturais, Aristóteles pensou, ainda, os problemas políticos e sociais de sua época, bem como se debruçou sobre os problemas éticos e morais (REALE; ANTISERI, 2009, pp.187-192).

<sup>4</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 207.

<sup>5</sup> BITTAR, 2003, pp. 1115-1116.

<sup>6</sup> “Entre os conceitos de prazer e dor prevalece a tensão relacional própria dos termos que englobam ideias antagônicas e opostas; auto-excludentes, a ambiguidade que os recobre não impede que sejam identificados como autônomos, nem que sejam entendidos como princípios diversos para motivações éticas diversas. Ambos são colocados sob as vistas do filósofo porque: a) participam da ontologia humana como causacionais do comportamento ético, sendo determinantes para a educação da juventude; b) influem sobre a vida feliz e sobre a virtude; c) se estendem por toda a vida, estando presentes em todos os momentos e para todos indistintamente; d) de acordo com a maioria, o prazer é a causa e o fim da vida, devendo sempre ser buscado; e) são coisas semanticamente muito diversas de acordo com cada argumento endoxológico que se possa identificar.” (BITTAR, 2003, PP. 1116-1117).

<sup>7</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 207.

<sup>8</sup> “Com efeito, se tanto o prazer como o sofrimento pertencessem à classe dos males, ambos o deveriam ser objetos de aversão, enquanto se pertencessem à classe das coisas neutras, nenhum seria objeto de aversão ou ambos seriam em igual grau; mas na verdade os homens claramente evitam um como um mal e desejam o outro como um bem. Essa deve ser, por conseguinte, a natureza da oposição entre os dois” (ARISTÓTELES, 2013, p. 209).

<sup>9</sup> ARISTÓTELES, 2013, pp. 207-208

<sup>10</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 210.

estado inicial, passando-se a um estado intermediário, até que se alcance um estado final de completude, não se pode falar em perfeição do movimento<sup>11</sup>.

A analogia empregada por Aristóteles é da construção de uma casa, desde suas etapas primeiras até o seu estado de completude. O prazer não pode ser movimento, uma vez que concebido em cada instante de sua sensação, é dito coisa perfeita e completa; não existe esta ideia de sequencialidade progressiva necessária até o fim último da coisa, haja vista que cada instante é por si prazer completo e incindível<sup>12</sup>:

Estas considerações deixam bem claro, portanto, que tais pensadores não estão certos quando afirmam que o prazer resulta de um movimento ou de um processo de geração, pois movimento e geração não podem ser atribuídos a todas as coisas, e sim, apenas às que são divisíveis e não constituem um todo; não há geração da sensação visual, nem de um ponto, nem de uma unidade, nem qualquer destas coisas é um movimento ou um processo de geração. Portanto, tampouco há movimento ou geração no prazer que é um todo.<sup>13</sup>

Para Aristóteles quanto à questão de saber se escolhemos a vida tendo em vista o prazer, “ou o prazer tendo em vista a vida [...] os dois parecem estar intimamente ligados e não admitem separação, uma vez que sem atividade não há prazer, e cada atividade é completada pelo prazer que a acompanha”.<sup>14</sup>

O prazer, não obstante, capaz de proporcionar perfeição a toda e qualquer atividade, uma vez que cada atividade corresponde o seu estado de maior excelência e o prazer correspondente, o prazer é contínuo. Se for alguma coisa desejável, querer-se-á de modo contínuo, produzindo efetivamente seus efeitos de maneira presente e ininterrupta.

Se, todavia, toda atividade encontra seus limites temporais, igualmente o prazer, como sequência natural de uma atividade, há de limitar-se temporalmente. O caráter prófugo do prazer pode ser percebido sobretudo em situações em que o indivíduo se vê instigado por uma experiência nova, pois esta provoca intenso prazer

---

<sup>11</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 212.

<sup>12</sup> Assim, a noção de completude é imanente à ideia de prazer. Nesse sentido, Aristóteles: “O ato de ver parece completo em todos os momentos, pois não lhe falta nada que, surgindo depois, venha a lhe completar a forma; e parece que o prazer também seja dessa natureza, pois ele é um todo, e nunca se poderá encontrar um prazer cuja forma seja completada pelo seu prolongamento” (ARISTÓTELES, 2013, p. 212).

<sup>13</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 213.

<sup>14</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 215.

em um primeiro momento, não se seguindo prazer equivalente num segundo momento<sup>15</sup>.

O prazer é um fim. Assim, diz-se do prazer que é um fim por ser algo desejável, e, como tudo que é desejável, atua como causa final e motora da ação da vontade que elege e escolhe de acordo com suas preferências e com grau de controle que a razão deliberativa exerce sobre esta. Do mesmo modo se diz que o prazer é um fim por tornar perfeita toda a atividade, também um prazer, à atividade vital também corresponderá um prazer-fim. É de se dizer que “sem atividade não há prazer, e a ausência de prazer impede a perfeição; de acordo com o que se diz, atividade/prazer/perfeição é uma tríade inscindível [sic], de recíproco condicionamento lógico e de comum valor ontológico”<sup>16</sup>.

Poder-se-ia pensar que todos os homens desejam o prazer porque todos aspiração a vida. A vida é uma atividade, e todas as pessoas são ativas em relação às coisas e com as faculdades que mais estimam [...] o prazer completa as atividades, e portanto torna completa a vida que eles desejam.<sup>17</sup>

Desse modo é que a vida e prazer se relacionam o mais diretamente possível, visto que não se concebe vida sem atividade. Todavia é evidente que a cada modo de atividade corresponde uma espécie diversa de prazer. Destarte, atividades diferentes haverão proporcionar prazeres próprios, singulares. “Também a cada sentido humano corresponde uma forma de prazer que lhe seja adequada e específica”<sup>18</sup>.

Assim, a atividade virtuosa corresponderá o bom prazer e atividade maléfica ou viciosa o mau prazer. Sendo que, conforme as palavras mencionadas pelo próprio estagirita: “[...] as atividades desejáveis em si mesmas são aquelas em que nada mais se tem em vista além da própria atividade, e pensamos que as ações virtuosas sejam

---

<sup>15</sup> “Como explicar, então, o fato de ninguém sentir prazer continuamente? Será que ficaríamos enfasiados? O fato é que nenhum ser humano é capaz de uma atividade contínua, e essa é a razão de não ser contínuo também o prazer, pois ele acompanha a atividade. Algumas coisas nos deleitam quando são novidades, mas nem tanto quando deixam de sê-lo, e pela mesma razão: a princípio espírito é estimulado e desenvolve intensa atividade em relação a tais coisas, como no caso do sentido da visão quando olhamos alguma coisa com atenção, mas depois nossa atividade se torna menos intensa, e por isso o prazer também diminui” (ARISTÓTELES, 2013, p. 214).

<sup>16</sup> BITTAR, 2003, p. 1118.

<sup>17</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 214.

<sup>18</sup> BITTAR, 2003, p. 1119. “Também por essa razão os prazeres parecem diferir em espécie [...] Isto é evidenciado pelo fato de estar cada prazer intimamente ligado à atividade que ele completa. De fato, cada atividade é intensificada pelo prazer que lhe é próprio, uma vez que cada classe de coisas é mais bem julgada e feita com maior precisão por aqueles que se dedicam com prazer à correspondente atividade [...] o prazer intensifica as atividades, e o que intensifica uma coisa é aquilo que tem afinidade com ela, porém coisas que são diferentes em espécie têm igualmente propriedades diferentes em espécie.” (ARISTÓTELES, 2013, p. 215)

desta natureza, visto que praticar atos nobres e bons é algo desejável em si”<sup>19</sup>. Assim, a ideia correta é de se buscar uma atividade fim e esta há uma atividade virtuosa.

### **A vida contemplativa**

Se se procura determinar qual seja o verdadeiro modo de prazer a ser perseguido pelo indivíduo, inicialmente se deve questionar pela verdadeira natureza do indivíduo, visto que é a partir desta que se poderá empenhar a análise no sentido daquilo que realmente seja digno de persecução. E segundo Aristóteles a ideia de felicidade perfeita não está dissociada da ideia de prazer; pelo contrário, a mais alta atividade deve corresponder a mais alta felicidade e a mais perfeita forma de prazer. “Virtude e prazer são, pois, conceitos que não se opõem, mas se reclamam reciprocamente.”<sup>20</sup>

A atividade mais desejável, que se dirige para o alcance da felicidade e para a realização da natureza humana - que resume em si muita coisa de belo e divino -, será, pois, uma atividade própria ao intelecto<sup>21</sup>. Nesse sentido:

Aristóteles, fiel aos princípios de sua filosofia especulativa, e após ter feito uma análise e um estudo da psicologia humana, verifica que em todos os seus atos o homem se orienta necessariamente pela idéia de bem e de felicidade e que nenhum dos bens comumente procurados (a honra, a riqueza, o prazer) preenche esse ideal de felicidade. Daí a sua conclusão: primeiro, a felicidade humana deverá consistir numa atividade, pois o ato é superior a potência; segundo, deverá ser uma atividade relacionada com a faculdade humana mais perfeita que é a inteligência [...].<sup>22</sup>

A correspondente virtude mais excelente a ser perseguida será, portanto, a contemplativa, aquilo que é próprio do ser beato e mais propriamente divino. A atividade segundo o intelecto é aquela capaz de proporcionar a maior continuidade possível, o que não oferece qualquer outra atividade<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 218.

<sup>20</sup> BITTAR, 2003, p. 1120.

<sup>21</sup> “O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. Assim, não pode consistir no simples viver como tal, porque até os seres vegetativos vivem, nem mesmo viver na vida sensitiva, que é comum também aos animais. Só resta, portanto, atividade da razão. ‘Se estabelecermos como função própria do homem certo tipo de vida (precisamente essa atividade da alma e as ações acompanhadas da razão) e como função própria do homem de valor o concretizá-la bem e perfeitamente (...), então o bem do homem consiste em uma *atividade da alma segundo a sua virtude* e, quando as virtudes são mais de uma, segundo a melhor e mais perfeita. Mas é preciso acrescentar: em uma vida completa (...)’”. (REALE; ANTISERI, 2014, pp. 203-204)

<sup>22</sup> COSTA, 1993, p. 67.

<sup>23</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 220.

Assim, a atividade segundo a virtude mais prazerosa será aquela acordante com a sabedoria. De fato, as pessoas reconhecem que a filosofia possui prazeres maravilhosos.<sup>24</sup>

[...] a felicidade chega somente onde há contemplação, e as pessoas que são mais capazes de exercer a atividade contemplativa são as que mais fruem a felicidade, não como simples acessório, mas em razão da contemplação mesma, pois esta é preciosa por si mesma. E assim, a felicidade deve ser alguma forma de contemplação.<sup>25</sup>

Vale aqui transcrever os dizeres de Eduardo Bittar a esse respeito:

[...] são atributos desta atividade virtuosa orientada pela razão: a) continuidade; b) auto-suficiência; c) desejada por si mesma e não por um fim alheio a si; d) proximidade ao que é divino; e) ausência de fadigas; f) ausência de ocupações; g) relacionar-se a coisas imortais. [...] A procura pela realização de virtude (*areté*) como um todo, integralmente concebida e reiteradamente cumprida, significa por si só uma gradativa aproximação do homem da razão divina ínsita à sua natureza de ser racionalmente logístico, social e político.<sup>26</sup>

Segundo o filósofo, para que o indivíduo haja virtuosamente e seja feliz é necessário que ele possua bens materiais, isto é, ele deve estar bem alimentado, com o corpo cuidado, seja saudável, etc..<sup>27</sup> Não há a necessidade de que tais bens sejam em excesso (bens necessários a manutenção da vida), basta que eles moderados<sup>28</sup>. Assim, possuindo esses bens exteriores e agindo em conformidade com a virtude será feliz.<sup>29</sup>

Assim, o homem mais feliz é o filósofo. Consoante Aristóteles:

---

<sup>24</sup> “[...] a atividade da sabedoria filosófica é reconhecidamente a mais agradável das atividades virtuosas [...]” (ARISTÓTELES, 2013, p. 220).

<sup>25</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 224.

<sup>26</sup> BITTAR, 2003, pp. 1120-1121.

<sup>27</sup> “Talvez Solón tenha nos dado um retrato fiel do homem feliz quando descreveu como moderadamente provido de bens exteriores, mas também como alguém que praticava as nobres ações, e vivia em conformidade com os ditames da temperança” (ARISTÓTELES, 2013, p. 224).

<sup>28</sup> Nesse sentido Reale e Antiseri dissertam sobre a felicidade na visão de Aristóteles: “Todas as ações humanas tendem a ‘fins’ que são ‘bens’. O conjunto das ações humanas e o conjunto dos fins particulares para os quais elas tendem subordinam-se a um ‘fim último’, que é o ‘bem supremo’, que todos os homens concordam em chamar ‘felicidade’. Mas o que é felicidade? a) Para a maior parte, é o prazer e o gozo. Mas vida gasta para o prazer é a vida que nos torna ‘semelhantes aos escravos’, vida ‘digna de animais’. b) Para alguns, a felicidade é a honra (para o homem antigo, a honra correspondia ao que é o sucesso para o homem de hoje). Mas a honra é algo extrínseco que, em grande parte, depende de quem a confere. E, de qualquer maneira, vale mais aquilo pelo qual se merece a honra do que a própria honra, que é resultado e consequência. c) Para outros, a felicidade está em juntar riquezas. Mas essa, para Aristóteles, é a mais absurda das vidas, chegando mesmo a ser vida contra a natureza’, porque a riqueza é apenas meio para outras coisas, mas podendo valer como fim” (2014, p. 203).

<sup>29</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 224. Aristóteles expressa os valores da alma como valores supremos, não obstante, com seu forte senso realista, reconheça uma utilidade também aos bens materiais em quantidade indispensável, uma vez que eles, ainda que não estando em condições de dar felicidade com sua presença, podem (em parte) comprometê-la com sua falta (REALE; ANTISERI, 2014, p. 204).

O homem que exerce e cultiva a sua razão parece desfrutar a melhor disposição de espírito e ser mais caro aos deuses. Com efeito, se como supomos, os deuses se interessam pelos assuntos humanos, seria natural que se comprazessem com aquilo que é melhor e tem mais afinidade com eles (isto é, a razão), e que recompensassem os que amam e honram a razão acima de todas as coisas, cuidando daquilo que lhes é caro e conduzindo-se com justiça e nobreza. É evidente que todas essas qualidades pertencem sobretudo ao filósofo. É ele, portanto, entre todos os homens, o mais querido aos deuses, e provavelmente, também, o homem que estiver nessas condições será o mais feliz. E assim, também *nesse sentido o filósofo é o mais feliz dos homens*.<sup>30</sup>

Sendo a vida feliz em sua plenitude, uma vida em que se experimenta o maior dos prazeres humanamente concebíveis, será feliz a vida em conformidade com a atividade mais excelente, qual seja, a dianoética<sup>31</sup>. Este silogismo é comprovadamente a suma da teoria aristotélica do prazer, onde a beatitude está na razão direta do desenvolvimento das potencialidades caracteristicamente humanas. “A *vita contemplativa*, como ideal helênico de desprendimento, autonomia, prazer, qual a verdadeira inspiração demoníaca (*daímon*), é um desdobramento intelectualista da natureza humana”<sup>32</sup>.

A autosuficiência da vida contemplativa, entretando, não é sinônimo de solidão. O ser beato ao fazer-se divino em sua atividade contemplativa e dianoética é um ser humano e que vive entre homens.

### **A *paidéia* ética e a ciência legislativa**

Tendo-se antes colocado às vistas da ciência ética várias questões que lhe são afetas, principalmente aquelas atinentes à virtude, à amizade, ao prazer, na última passagem do Livro X, o estagirita passa retomar alguns pontos capitais do problema ético. Aqui a ética em si, e a correspondente obra a ela dedicada, converte-se em objeto de estudo<sup>33</sup>. A perquirição retorna a teleologia da obra, e não tanto ao conteúdo por

---

<sup>30</sup> ARISTÓTELES, 2013, pp. 224-225, grifo nosso.

<sup>31</sup> BITTAR, 2003, p. 1122. Por virtudes dianoéticas entendem-se as capacidades de conhecimento possíveis à alma racional. Seriam as virtudes do pensamento, da racionalização, ao passo que as virtudes éticas seriam as virtudes referentes ao caráter do homem, à moral. De acordo com Aristóteles, as virtudes dianoéticas são: a arte ou *technê*; a ciência ou *epistéme*; a sabedoria prática, ou *frónesis*; a sapiência, ou *Sofia*; o intelecto ou *noús*.

<sup>32</sup> BITTAR, 2003, p. 1122.

<sup>33</sup> Ursula Wolf acerca do Livro X de Ética a Nicômaco assevera: “Se, para sua livre realização, a vida filosófica, na realidade, exige mais condicionantes que a vida ética, é de perguntar quem cria esses pressupostos, e como portanto deve harmonizar-se a distribuição da vida filosófica e política na *praxis*. Podemos pensarm duas opções. (i) Uma e mesma pessoa se ocupa da *theoria*. (ii) Algumas pessoas exercem a profissão de filósofo, outras a de político. (iii) Poderia dar-se também uma mescla das duas opções: excepcional e provisoriamente os filósofos



ela abrangido, já antes exaurido em outras passagens; a eficácia do ensino ético, os meios de aquisição e de prática do saber ético, a importância da ética para a ciência legislativa, a educação cívica e o zelo público, dentre outros, são temas que se convertem em pontos de apoio da reflexão ética proposta pela obra.<sup>34</sup>

Com relação à eficácia do escrito ético à sua potencial capacidade de persuasão de ânimos, questiona o filósofo: deve-se considerar exaurido o intento ético ao final da investigação?<sup>35</sup>

Tendo-se presente que o que é ético pode ser ou por natureza, ou por hábito ou por ensinamento<sup>36</sup>, dever-se-ia questionar se o estudo é suficiente para a satisfação dos fins por si almejados ou não. E é esta reflexão que se propõe, isto é, saber-se se pode ensinar ou aprender o comportamento ético.

A ciência ética enquanto ensino argumentativo e teórico, que se instrumentaliza para a persuasão do ser racional, não é algo bastante por si e em si. Como já dito, ao conhecimento universal, epistêmico por conseguinte, do saber ético, deve-se acrescentar a práxis, a habitualidade e a ação.

O conhecimento do justo e do injusto, do virtuoso e do vicioso não faz de nenhum indivíduo um ser justo ou injusto, virtuoso ou vicioso. Simplesmente conhecer o ético não é o bastante para que se adquira a excelência do que se desloca do que é ético. Até porque a maioria dos indivíduos está habituada a obedecer, já que na maioria das vezes, obedecem aos instintos e as paixões, pois “[...] esse tipo de gente anda buscando seus prazeres e os meios de consegui-los, evitando sofrimentos que lhes são contrários, e nem ao menos fazem ideia do que é nobre e verdadeiramente agradável, já que nunca experimentaram tais coisas”<sup>37</sup>.

A nutrição do sentimento ético deve proceder desde a juventude, fazendo-se o cultivo das éticas a serem perseguidas em ato. E é muito difícil aos jovens fazerem leis éticas normas de comportamento, visto que não o meio-termo, todavia o excesso ou o defeito é que estão a guiar o ânimo jovem. Tornando-se a lei ética um hábito,

---

atuam na política, quando isso se torna inevitável para a manutenção e restauração do seu ócio” (WOLF, 2010, p. 262)

<sup>34</sup> ARISTÓTELES, 2013, pp. 225-228.

<sup>35</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 225.

<sup>36</sup> “Alguns pensam que por natureza nos tornamos bons, outros pelo hábito, e outros pelo ensino” (ARISTÓTELES, 2013, p. 225).

<sup>37</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 225.

esta deixa de representar algo penoso e passa a decorrer espontaneamente da vontade humana de fazer do que é virtuoso algo concreto.<sup>38</sup>

Assim, abordando de questões éticas à exaustão, concluindo que em se tratando da matéria ética, além do conhecimento, está a prática, uma vez que sem esta nada representa.<sup>39</sup> Tais regras devem ser consideradas pelo legislador para que logre êxito na construção da arquitetura legislativa.

O legislador, na opinião de alguns ao fazer uso de suas atribuições, deve convidar à virtude e exortar a esta, na esperança de dentre os homens da massa alguns aprendem o que é devido de bom e de virtuoso, de um lado e de outro, prescrever punições e castigos aos desobedientes e infiéis às leis, banindo-se os incorrigíveis. Ao *epieiké* a persuasão das boas leis será eficaz, enquanto que ao *phaûlon* será ineficaz; para o primeiro bastam as leis por si mesmas, para o segundo será aplicada uma pena de punição. Uma age de acordo com a razão e o outro de acordo com o prazer. Neste sentido a pena recairá exatamente sobre o que é objeto do prazer amado e perseguido, forma de se fazer punição, método eficaz de conscientização. A lei aqui envolve um poder coercitivo de impor, e é resultante de um exercício legislativo técnico prenhe de sabedoria e inteligência.<sup>40</sup>

A questão é, portanto, como fazer-se uma correta educação pública e como tornar o dever cívico um dever humano e humanitário. Não é necessário que o legislador em todos os termos se disponha a regular desde o comportamento até os hábitos diretores de seus cidadãos.<sup>41</sup> Para Aristóteles, deve haver um equilíbrio entre a liberdade individual e o interesse público.

O legislador deve procurar a devida orientação da coisa pública, tomando a direção da educação coletiva de modo que se convertam as leis em normas em favor da prática da virtude no seio da *pólis*. Não importa, na educação pública, que a força cívica seja cultivada por normas escritas ou não-escritas, contudo faça isso em função do bem comum e de acordo com a virtude. Aquele que deseja, portanto, orientar e direcionar, ponderar e deliberar deverá ser versado na ciência legislativa.<sup>42</sup> Tal ciência, assim como a medicina, pressupõe a teoria, a técnica e a prática.

A *Paidéia* pública, entretanto, necessita daquela privada; contrariamente, esta é um a priori com relação àquela, pois os vínculos familiares prescindem aqueles cívicos. Até porque, um tratamento singular parece ser um indicativo muito melhor que

---

<sup>38</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 226.

<sup>39</sup> BITTAR, 2003, p. 1127.

<sup>40</sup> BITTAR, 2003, p. 1128.

<sup>41</sup> "Apenas em Esparta, ou quase exclusivamente nessa cidade, o legislador parece ter-se detido nas questões de educação e trabalho. Na maioria das cidades esses assuntos foram omitidos, e cada um vive como lhe apraz [...]" (ARISTÓTELES, 2013, p. 227).

<sup>42</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 228.

daquele indiferente genérico escolhido pelo legislador. A educação e a correção dentro dos limites da família parecem, por conseguinte, ser imprescindível tanto para a saúde do ser humano como para a saúde da coletividade, uma vez que aquele se subsume a esta<sup>43</sup>.

As dificuldades no terreno da educação como um todo, seja privado, seja público, está a exortar o estudioso a grandes investigações. O ético participa intrinsecamente do político, o que coloca ao legislador a tarefa de fazer-se um servo do bem comum a partir dos ditames da eticidade e de ciência do que é comum a todos<sup>44</sup>.

Seja premiando seja recriminando condutas, o legislador age sobre o ânimo humano, desenvolvendo uma atividade que, colocada a serviço da comunidade, haverá de conduzir a organização política ao seu fim. Este não é diferente para o individual e para o coletivo, pois o que é aspirado, singularmente como socialmente, é a *eudaimonía*<sup>45</sup>; sendo esta realização da natureza humana, gregária e política, o que está para a pessoa está para a coletividade e vice-versa.

## Conclusão

É inegável a atualidade da obra de Aristóteles. Os assuntos ali retratados são questões que afrontam a inteligência humana e, ainda hoje, constituem temas bastante polêmicos e atuais.

Em sua obra pensou profundamente sobre a felicidade humana. Para estagirita a felicidade não está atrelada aos prazeres ou as riquezas, mas a atividade prática da razão. Em seu julgamento, a capacidade de pensar é o que existe de mais perfeito no indivíduo, pois a razão é melhor guia e dirigente natural do ser humano. Tendo em vista que o que caracteriza o ser humano é o pensar, logo esta é sua maior virtude e, por conseguinte, reside nela à felicidade humana.

---

<sup>43</sup> “Além disso, a educação privada tem vantagem sobre a pública” (ARISTÓTELES, 2013, p. 227).

<sup>44</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 229.

<sup>45</sup> Segundo Werner Jaeger “Platão justificara a sua minuciosa exposição das diversas formas de Estado e dos diversos tipos de homem correspondentes a elas, alegando que a verdadeira finalidade do diálogo era saber se a justiça representava um bem em si mesma e a injustiça um mal. O seu propósito é demonstrar que o homem perfeitamente justo, isto é, o homem que segundo a definição dada acima está na posse da *arete* perfeita, possui também a verdadeira felicidade e que, em contrapartida, o homem injusto é desgraçado. Com efeito, segundo a interpretação platônica, é esse o verdadeiro sentido da palavra *eudamonia*: não quer dizer que o Homem goza de bem-estar exterior, mas que tem realmente, como a palavra indica, um bom *dáimon*” (2003, pp. 964-965).

Assim, o estagirita evidencia que os seres humanos se tornam o que são através do hábito. As pessoas se tornam bons engenheiros construindo, e se tornam músicos tocando, da mesma forma um homem torna-se justo praticando atos justos e mal praticando atos maus. Um indivíduo torna-se um bom ou mau músico por tocar bem ou mal<sup>46</sup>. Um escritor torna-se um bom ou mau escritor por escrever bem ou mal. Bem como um mau músico não tem o hábito de tocar, igualmente o mau escritor não possui o hábito de pensar e escrever. Desse modo, para se tocar música ou escrever bem é cogente a excelência, é imprescindível o engajamento, é imperativo o hábito. A prática persistente de uma atividade ou de uma conduta nos possibilita internalizar aquele hábito. Apenas a prática leva a excelência.

Esse raciocínio serve para todas as atitudes e atividades humanas. Pelo hábito de sentir receio ou confiança tornamo-nos covardes ou corajosos. A mesma ideia se aplica aos desejos e a raiva, por se comportarem de igual forma em todas as circunstâncias alguns indivíduos tornam-se moderadas e amáveis, outros se tornam concupiscentes ou irascíveis. É por isto que deve-se fazer uso da razão em nossas escolhas e atividades. Deve-se sempre desenvolver as atitudes e atividades de uma maneira racional.

A felicidade para o estagirita corresponde ao hábito continuado da prática da virtude e da prudência. Por sua própria natureza as pessoas procuram o bem e a felicidade, todavia esta busca somente pode ser obtida pela virtude. A virtude é entendida como excelência (*Areté*). É unicamente por meio do caráter que se atinge a excelência. O bom comportamento, a força do espírito, a força da vontade norteadas pela razão leva a excelência. Destarte, a felicidade está atrelada a uma sabedoria prática, a de saber fazer escolhas racionais na vida. É feliz quem escolhe o que é mais apropriado para si.

A razão é a faculdade que analisa, pondera, julga, discerne. Ela permite ao homem abalizar o que é bom ou mau, a distinguir os vícios das virtudes. Ela permite que o indivíduo faça escolhas pertinentes para a sua felicidade. Assim, e. g, a temeridade é um vício por excesso, a covardia é um vício por falta; o meio termo é a coragem, que é uma virtude. O orgulho é um vício pelo excesso, a humildade um vício por falta; o meio termo é a veracidade, que também é uma virtude. A inveja é um vício por excesso, a malevolência é um vício por falta; o meio termo é a justa indignação.

---

<sup>46</sup> ARISTÓTELES, 2013, p. 214.

Para Aristóteles toda escolha exige uma mediania, um equilíbrio entre o excesso e a falta. Na vida o ser humano não deve ser imprudentes e impulsivos se arriscando em situações perigosas. Igualmente não deve ser covardes e ter medo de tudo deixando que o medo o domine. É imprescindível o meio termo entre esses dois sentimentos, o homem deve enfrentar os medos e perigos sabendo agir com bom senso. Igual raciocínio serve para alimentação, não se deve comer muito para não se adoecer do estômago, bem como não se deve evitar comer, visto que da mesma forma se passará mal. Deve-se comer com moderação. Por esta ótica, do mesmo modo podemos ponderar os sentimentos.

Na vida, as pessoas não devem ser vaidosas preocupando-se somente com as qualidades próprias, satisfazendo sempre o ego. Igualmente, não se deve ser muito modesto, achando-se inferior. É necessária autoestima, sabendo reconhecer por meio da razão os defeitos e as qualidades. Para o filósofo, destarte, é necessário sempre escolher o meio termo, sendo moderados em tudo que faz na vida. Apenas dessa forma o homem atingirá o bem e a felicidade.

Em suma, no Livro X, Aristóteles trata da Felicidade, isto é, o seu conteúdo, em que consiste a Felicidade perfeita, apresenta argumentos sobre a supremacia da vida contemplativa e fala da necessidade da prática da virtude e da passagem da ética para a Política. O filósofo enumera cinco coisas que não são a felicidade: não é uma disposição, isto é, modo de ser; não é algo que se dá por necessidade; não é uma diversão ou jogo; não é algo inato e não é algo recebido de fora.

## Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Torrieri Guimarães. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

BITTAR, E. C. B. *Curso de Filosofia Aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico*. Barueri: Manole, 2003.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, J. S. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. São Paulo: Moderna, 1993.

HUISMAN, D.; VERGEZ, A. *Curso de Filosofia: introdução à filosofia das ciências*. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. 8. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1983.

JAEGER, W. W. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: antiguidade e idade média*. São Paulo: Paulus, 2014. v. 1.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

STRATHEER, P. *Aristóteles em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WOLF, U. *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. Trad. Enio Paulo Giachini. São Paulo: Edições Loyola, 2010.